

A Representação da Mulher Negra na Obra *Clara dos Anjos* do Autor Lima Barreto

La Representación de la Mujer Negra en la Obra Clara dos Anjos de Lima Barreto

The Representation of Black Women in the Work Clara dos Anjos by Lima Barreto

Luisa Gonçalves Monteiro

Resumo: A presente pesquisa analisou o preconceito social, racial e de gênero sobre a mulher negra na obra *Clara dos Anjos*, do autor Lima Barreto, considerado um dos fundadores da literatura negra no Brasil ao lado de Machado de Assis e Cruz e Sousa. O trabalho teve como objetivo analisar como a mulher negra é representada nesta obra que é uma das mais importantes a retratar o preconceito racial, a obrigação social do casamento e o papel das mulheres na sociedade carioca durante o início do século XX. Para tanto, realizou-se uma pesquisa com metodologia bibliográfica de cunho qualitativo que utilizou teóricos da Literatura Brasileira como Bosi (2015) e Candido (1989), bem como da antropologia, Schwarcz (2019), a qual aprofundou-se na biografia do autor.

Palavras Chave: Lima Barreto. Mulheres Negras. Preconceito.

Resumen: Esta investigación analizó el prejuicio social, racial y de género contra la mujer negra en la obra *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, considerado un de los fundadores de la literatura negra en Brasil junto con Machado de Assis y Cruz e Sousa. El objetivo de este estudio fue analizar cómo se representa la mujer negra en esta obra, que es una de las más importantes para retratar los prejuicios raciales, obligación social del matrimonio y el papel de la mujer en la sociedad carioca de principios del siglo XX. Para ello, se llevó a cabo una investigación con metodología bibliográfica de carácter cualitativo que utilizó a teóricos de la literatura brasileña como Bosi (2015) y Cándido (1880), como la antropología, Schwarcz (2019), que profundiza en la biografía del autor.

Palabras Claves: Lima Barreto. Mujeres Negras. Prejuicios.

Abstract: The present research sought to verify the social, racial and gender prejudice about black women in the work *Clara dos Anjos*, by the author Lima Barreto, considered one of the founders of black literature in Brazil alongside Machado de Assis and Cruz e Sousa. The objective the work was to analyze how black women are represented in this work, which is one of the most important to portray racial prejudice, the social obligation of marriage and the role of women in Rio society during the early twentieth century. For this, a research was carried out with a qualitative bibliographic methodology that used theorists of Brazilian Literature such as Bosi (2015) and Candido (1880), as well as anthropology, Schwarcz (2019), which is deepened in the biography of the author.

Key-words: Lima Barreto. Black Women. Prejudice.

INTRODUÇÃO

Infelizmente, nos dias de hoje, ainda é possível observar resquícios da concepção preconceituosa introduzida, em sua maioria, pelos colonizadores portugueses em nosso país. A partir disso, nasceu a necessidade em compreender quais motivos contribuem para que o racismo e o preconceito existente no Brasil no final do século XIX e início do século XX ainda perdurem nos dias de hoje.

A pesquisa fará uma abordagem sobre a condição social das mulheres negras na sociedade carioca do final do século XIX e início do século XX, tendo em mente que esta era uma sociedade autoritária, aristocrática e extremamente racista. Sendo assim, o objetivo deste estudo é analisar a representação da mulher negra na obra *Clara dos Anjos* (1948), de Lima Barreto, considerando que este foi um dos primeiros escritores a inserir tais pautas em suas obras.

Para organizar o estudo de forma sistematizada, este foi dividido em três seções. A primeira seção – As denúncias contidas na linguagem literária barretiana – traz uma pequena contextualização sobre a vida e obra do autor Lima Barreto, desde sua criação até os primeiros passos como escritor. Ferreira (c2021), Ianni (1988), Marcílio (2014), Schwarcz (2017) e Schwarcz (2019) são autores que contribuíram com seus estudos teóricos para a compressão do perfil de Lima Barreto. As denúncias expressas por meio de sua obra, bem como o estilo literário utilizado, puderam ser analisados através dos estudos de Assis (2018), Bosi (2015), Candido (1989)(2006), Holanda (1978) e Maria (2017).

A segunda seção – A mulher negra no contexto literário de Lima Barreto – aponta a época e a sociedade em que viveu o escritor Lima Barreto, destacando o papel e a condição social impostas às mulheres negras naquele período. Neste momento, autores como Gonzalez (2016), Priore (2013), Silva (2008), Trípoli (1997) e Xavier (2012) nos ajudam a compreender como a mulher negra é estereotipada e estigmatizada na sociedade. Ainda neste capítulo, os trabalhos de Almeida (2020), Davis (2016), Evaristo (2005), Gonzaga (2015), Kilomba (2019) e Silva (2015) são fundamentais para entender as histórias e as experiências vividas pelas mulheres.

Por fim, a última seção – A representação da mulher negra na obra *Clara dos Anjos* de Lima Barreto – busca analisar de que maneira essa representação é apresentada pelo autor na obra, com o enfoque na personagem principal Clara. Com base no autor da obra, Barreto (1948), este capítulo revela em pequenas passagens do texto que evidenciam o preconceito e a discriminação com a personagem principal. Para melhor compreender essa questão, autores como Gileno (2001) e Priore (2013) são de grande importância para complementar esta análise.

1. As Denúncias Contidas na Linguagem Literária Barretiana

Em primeiro lugar, é importante enfatizar que a literatura tem um papel midiático entre a obra de arte e as dimensões da realidade social em que ela está inserida, onde é possível identificar as diversas manifestações de valores sócio-históricos entre os sujeitos envolvidos como o autor e o leitor. Esses pontos específicos ditam a importância da sociologia para a análise da criação literária, o que nos possibilita, portanto, entender as visões de mundo o qual o autor buscou inserir em sua obra literária, já que esta é o resultado de diversas práticas, pressupostos e concepções expressas em sua produção literária.

Antonio Candido (2006) aponta em sua obra, *Literatura e Sociedade*, reflexões que ressignificam a Literatura, já que ela, em sua visão, deve ser a arte que reflete todos os aspectos de uma realidade, e isso pode se exemplificar muito bem com a obra de Afonso Henriques de Lima Barreto.

De acordo com Dilva Frazão (2019), Barreto foi um escritor e jornalista do período pré-moderno, nascido em Laranjeiras, Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1881, filho do tipógrafo João Henriques e da professora primária Amália Augusta, ambos mulatos e pobres.

Lima Barreto, desde cedo, precisou lidar com as adversidades, uma vez que sua mãe faleceu quando ele tinha apenas sete anos, e o jovem passou a ser responsável pelo sustento dos três irmãos, pois seu pai havia enlouquecido. Por ser afillhado do Visconde de Ouro Preto, fez o curso secundário no Colégio Pedro II e ingressou na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, onde iniciou o curso de Engenharia, mas que não chegou a concluir.

Em 1900, segundo Manoel Freire (2014), o escritor deu início aos registros do *Diário Íntimo*, com impressões sobre a cidade e a vida urbana do Rio de Janeiro. Em 1904, prestou concurso para escriturário do Ministério da Guerra, no qual foi aprovado e permaneceu na função até se aposentar. No ano de 1905, Barreto ingressou no jornalismo com uma série de reportagens que escreveu para o *Correio da Manhã*. Posteriormente, em 1907, fundou a revista “*Floreal*”, que lança apenas quatro números.

Eventualmente, é somente no ano de 1909 que Lima Barreto faz sua estreia na literatura ao publicar seu primeiro romance: *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. A obra relata a história de um jovem mulato que, vindo do interior para a cidade, sofre com o racismo e o preconceito constante.

De acordo com Marcílio (2014), a época em que Lima Barreto se desenvolve como escritor é imediatamente posterior à abolição da escravatura. Trata-se, portanto, de um momento no qual a condição social do negro ainda é vista com certa desconfiança, o que, conseqüentemente, fragilizou a liberdade alcançada.

A escrita de Lima Barreto é a escrita de uma literatura que em muito se confunde com a vida pessoal, visto que em toda sua obra é possível notar um tom de crítica ao período de escravização e pós-abolição das pessoas escravizadas no Brasil, como afirma Ianni:

Os tempos de Lima Barreto são diferentes. Ele viveu momentos decisivos da revolução burguesa em curso do Brasil. Está verificando, vivenciado e sofrendo os impactos de uma revolução pelo alto, autoritária. Essa revolução se iniciara, principalmente com a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República. (IANNI, 1988, p. 97)

Como nos mostra o excerto, Lima Barreto foi um jovem que sofrera com a realidade dura e excludente ante à abolição. Ele estava livre, mas não inserido na sociedade, e os fantasmas da escravidão continuavam a atormentá-lo e a moldá-lo como um jovem crítico e rebelde, fazendo dele um dos primeiros escritores a tratar a temática da discriminação.

Isso é o que destaca a historiadora e antropóloga brasileira Lília Schwarcz (2019, p. 137), ao afirmar que Lima Barreto “foi uma voz aguda, e muitas vezes solitária, no Brasil da Primeira República e no território estendido do Rio de Janeiro, que seguia a linha do trem da Central do Brasil”. Lima Barreto, fazia questão de retratar em seus personagens e seus cenários os lugares por onde

vivia, com maior destaque para os subúrbios cariocas, que não tinham espaço nas outras obras publicadas na sociedade da época.

Assim, mais uma vez, destaca Schwarz:

Lima Barreto foi misturando, pois, gêneros; cruzando limites entre ficção e não ficção, ia desenvolvendo uma obra híbrida, no sentido de não se filiar apenas à novela, mas explorar e cruzar suas novelas com suas colunas, com seus diários e reportagens. Ele também ia virando seus próprios personagens; assinava seus artigos e crônicas com vários pseudônimos, e, dentre eles, o mais frequente era Isaías Caminha. (SCHWARZ, 2019, p. 01)

Ainda assim, esse estilo literário não ficou restrito apenas a uma obra, já que, em 1911, Lima Barreto publica o seu maior sucesso: *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, que inicialmente foi publicado como folhetim em *O Jornal do Comércio*, um jornal de grande circulação na época.

Nesta obra, o autor continua a produzir uma “escrita de si”, já que narra, na primeira parte do texto, a vida de Policarpo Quaresma, funcionário público na cidade do Rio de Janeiro, assim como o próprio Lima Barreto. Desse modo, ao analisarmos os pontos importantes desta obra, percebemos, como aponta Ferreira (c2021), que:

Lima Barreto esboça, organiza um perfil irônico e até mesmo sarcástico do funcionalismo público no Brasil, resultando em uma sequência de metáforas com relação à burocracia brasileira, que na visão do autor, era formada de maneira geral, por pessoas sem perseverança, consistência moral ou profissional para ocuparem seus postos de trabalho. Lima Barreto ridiculariza, de forma muito bem humorada, um Brasil onde prevalece um General que não participa de nenhuma batalha (General Albernaz) e um Almirante que não possui navio para ocupar seu posto (Almirante Caldas). Percebemos o estilo de Lima Barreto como sendo mais realista, quase uma narrativa literária pessoal. (FERREIRA, c2021, on-line)

Atenta-se que Lima Barreto expressa, por meio de sua obra, a sua trajetória na luta contra o preconceito, a discriminação social e a busca dos negros por espaços na sociedade brasileira. O escritor também jamais negou que fazia “literatura de si”. “E com tamanha intensidade, acabava por confundir-se com uma certa história do Brasil que prometeu inclusão, mas entregou muita exclusão social”, como ressalta Frazão (2019, p. 138).

Nesse contexto, já é notório que a literatura de Lima Barreto é uma literatura militante, voltada para os problemas que afligem as pessoas e o quadro social no qual elas estão inseridas. Como destaca Alfredo Bosi (2015, p. 329), “o estilo de pensar e de escrever contra o qual se insurgia o autor de Policarpo Quaresma era o simbolizado por um Coelho Neto ou um Rui Barbosa: o da palavra a servir de anteparo entre homem e as coisas e os fatos”.

Estas reflexões, por si só, coincidem com a constante preocupação do autor em explorar em suas obras novas concepções da literatura brasileira – a literatura dos subúrbios. É por meio desse pensamento que Bosi (2015) ressalta:

O ressentimento do mulato enfermiço e o suburbanismo não o impediram, porém, de ver e de configurar com bastante clareza o ridículo e o patético

do nacionalismo tomado como bandeira isolada e fanatizante. {...} Na escrita do autor afloraram todas as revoltas do brasileiro marginalizado em uma sociedade onde o capital já não tem pátria, quanto a própria consciência do romancista de que o caminho meufanista é veleitário e impotente. Tal duplicidade de planos, o *narrativo* (relato dos percalços do brasileiro em sua pátria) e o *crítico* (enfoque dos limites das ideologias) aviva de forma singular a personalidade literária de Lima Barreto, em que se reconhece a inteligência como força sempre atuante. (BOSI, 2015, p. 329)

Lima Barreto foi, aos poucos, introduzindo sua literatura no Brasil, já que nem sempre suas publicações foram aclamadas pelo público, como é o caso de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), que recebeu duras críticas por se tratar de uma escrita muito mais de denúncias.

Consequentemente, o estilo de vida e a produção literária da época eram mais importantes que a própria literatura, ou seja, como destaca Assis (2018), o que importava mesmo era o que o escritor retratava em seus modos de vida e seu papel na alta sociedade.

Diante disso, é importante compreender que a obra de Lima Barreto retrata a realidade do Brasil de sua época, onde ricos e pobres viviam contextos completamente diferentes, essa, por outro lado, muito mais difícil para os negros, já que, mesmo com a abolição da escravatura em 1888, eles continuavam sem oportunidades de ascensão.

A partir disso, Assis (2018) destaca que alguns escritores, como Euclides da Cunha e Lima Barreto, distanciavam-se dos modismos, pois acreditavam que algo deveria ser feito para que o povo brasileiro pudesse sair da condição de miséria e ignorância em que se encontrava. O que é destacado no seguinte trecho:

Por isso, não aceitavam facilmente os modelos franceses. Para eles, um literato não deveria se apegar somente ao belo, mas, necessariamente, deveria realizar uma crítica de base política ou social. {...} uma literatura crítica e empenhada, voltada para a regeneração social. (ASSIS, 2018, p. 126)

A literatura de Lima Barreto, então, considerava em sua plenitude alguns aspectos essenciais como a sinceridade e a clareza, no qual ficção e realidade, se não são a mesma coisa, se parecem muito. Assim, para Candido (1989, p. 39), “talvez o Lima Barreto mais típico, seja o que funde problemas pessoais com problemas sociais, preferindo os que são ao mesmo tempo uma coisa e outra”. Como, por exemplo, a pobreza, que dilacera o indivíduo por problemas da sociedade. Como menciona na passagem abaixo:

Esta concepção empenhada, quem sabe devida às circunstâncias da sua vida, nos leva a perguntar de que maneira as suas convicções e sentimentos se projetam na visão do homem e da sociedade, e em que medida afetam o teor da sua realização como escritor. Porque, se de um lado favoreceu nele a expressão escrita da personalidade, de outro pode ter contribuído para atrapalhar a realização plena do ficcionista. Lima Barreto é um autor vivo e penetrante, uma inteligência voltada com lucidez para o desmascaramento da sociedade e a análise das próprias emoções, por meio de uma linguagem cheia de calor. (CANDIDO, 1989, p. 39)

Entende-se então que suas convicções não são banais, considerando que Lima Barreto foi um dos poucos escritores a sentir na pele o preconceito e a discriminação e tudo o que se põe como negativo para a população negra no Brasil.

O historiador e crítico literário Sérgio Buarque de Holanda já apontava, ao escrever sobre Lima Barreto em *Cobra de Vidro* (1978), que reúne trabalhos escritos e publicados em várias épocas, que é muito difícil escrever sobre os livros de Lima Barreto sem incorrer um pouco no pecado do biografismo. Isso porque, por exemplo, na obra *Clara dos Anjos* (1948), a protagonista mulher, pobre e mulata é um exemplo claro de como as mulheres negras e mestiças eram discriminadas, desvalorizadas, e sofriam com o racismo estrutural constante que insistia em colocar a população negra em situação de inferioridade.

A obra *Clara dos Anjos* (1948) é mais uma de nosso autor no qual predomina a literatura militante, com uma “escrita de si” focada em dar voz ao menos favorecidos que viviam nos subúrbios do Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX.

Lima Barreto é hoje um dos principais nomes do pré-modernismo brasileiro, o seu jeito sarcástico e, ao mesmo tempo humorístico em abordar e denunciar as pautas sociais, a investigação incessante e a aproximação do contexto social com a obra literária deram a ele grande destaque na prateleira dessa escola.

Mas há quem diga que todo esse reconhecimento veio tarde, uma vez que Lima Barreto chegou a ser recusado várias vezes pela Academia Brasileira de Letras para ocupar uma cadeira ao lado de nomes importantes do universo literário.

Segundo Felipe Correa, mencionado por Maria Laura (2017), que estuda e escreve sobre o autor, o perfil dele não era parecido com os demais membros da academia, já que, apesar de funcionário público, Lima não se encaixava nessa postura oficial, tanto por sua verve satírica, que atirava farpas contra à elite, quanto por sua vida boêmia e desregrada.

A ideia de que Lima Barreto não tinha o perfil da ABL era internamente defendida por outro grande nome da literatura brasileira: Machado de Assis. Com sua grande influência, o autor acreditava que a Academia deveria ser uma instituição de boas companhias com boas pessoas, e Lima, por viver despreocupadamente, não se encaixava nesse perfil.

Essa recusa e o impedimento de integrar a ABL renderam, de fato, diversas comparações entre Machado de Assis e Lima Barreto, dois grandes nomes da nossa literatura, mas com duas concepções diferentes. Para Schwarcz (2017), há sim uma história de comparar Lima Barreto com Machado de Assis, mas é uma injustiça, já que eles tinham projetos completamente diferentes. Segundo a historiadora, enquanto Machado era um universalista, Barreto era um escritor engajado, que denunciava mazelas e criticava o que via em seu cotidiano. Por isso, certamente, odiava que o comparassem com o outro.

Desse modo, Lima Barreto, que falecera em 01 de novembro de 1922, é hoje inegavelmente um nome importantíssimo da literatura brasileira, e a sua luta contra o preconceito e a discriminação precisam e merecem ser ouvidas, considerando sua trajetória como escritor e como pessoa.

2. A Mulher Negra no Contexto Literário de Lima Barreto

É evidente que a Literatura produzida por Lima Barreto tem um grande teor social, justamente por escancarar as disparidades existentes no Brasil no final do século XIX e início do século

seguinte. O autor, que durante sua vida foi muito engajado em denunciar o preconceito e a discriminação social, em *Clara dos Anjos* (1948), deu ênfase, em especial, à mulher negra.

É importante compreender que, na época e na sociedade em que viveu o escritor Lima Barreto, o pensamento machista e patriarcal¹ que predominava no cenário da época é mais um fragmento do juízo europeu que chegou a discutir a condição social da mulher como parte integrante da sociedade.

O preconceito sofrido pela mulher negra não é uma experiência vivida somente na contemporaneidade, muito menos na Literatura da época, já que, desde os primórdios, ela carrega consigo as marcas do preconceito advindo do período da colonização. Apesar de já haverem africanos no Brasil nas plantações de cana-de-açúcar, o tráfico negreiro só iniciou oficialmente em 1550, como destaca Gonzalez (2016). Os colonizadores portugueses que aqui chegaram precisavam de mão de obra; em razão disso, implementaram o sistema escravocrata. A respeito disso, Trípoli (1997) elucida que:

A escravidão foi um fenômeno histórico que não começou no Novo Mundo, mas que aqui floresceu como planta em solo fértil, produzindo muitos frutos secos e amargos. Sua justificativa primeira, dissimulando o interesse econômico, foi a diferença e a inferioridade do sujeito a ser escravizado. (TRÍPOLI, 1997, p. 11)

A escravidão no Brasil, segundo o autor, veio camuflada por uma capa chamada interesse econômico, tentando justificar o motivo da dominação e apropriação do sujeito escravizado, o qual era considerado diferente e, por este motivo, julgado como inferior. Dado isso, a mulher negra em especial padecia com peso triplicado, já que a visão que se tinha sobre elas era extremamente estigmatizada, ainda entrelaçada ao fardo de ser escrava, que viveu grande parte de sua história na condição de subalterna.

Diante desse contexto histórico-social, nos textos literários, o pensamento em ralação à mulher negra, em muitos casos, não foi diferente, pois se encarregou de retratar nos personagens as realidades vivenciadas pelas mulheres de cor daquele período, como menciona Silvana Aparecida da Silva (2008):

As representações das mulheres negras e mestiças nas obras literárias que foram escritas no final do século XIX, que ainda hoje são lidas, quero destacar o racismo presente, chamando a atenção para o fato de que os preconceitos e estereótipos em tais obras colocam uma enorme parcela da população brasileira, as mulheres negras e as mestiças, dentro de um molde que não lhes cabem, prejudicando a construção de suas identidades e contribuindo para a preservação do racismo. (SILVA, 2008, p. 02)

Entende-se que, tal como a mulher negra é estereotipada e estigmatizada na sociedade brasileira do final do século XIX, assim ela era apresentada nas obras literárias. Segundo Xavier (2012), as mulheres negras, em específico as mulatas, eram descritas e representadas no universo literário

¹ Patriarcal vem de Patriarcalismo, “Termo utilizado para designar uma espécie de organização familiar originária dos povos antigos, na qual toda instituição social concentra-se na figura de um chefe, o patriarca, cuja autoridade era preponderante e incontestável. Esse conceito tem permeado a maioria das discussões travadas no contexto do pensamento feminista, que envolvem a questão da opressão da mulher ao longo de sua história” (BONNICI; ZONLIN, 2009, p. 219).

como prostitutas, amantes, levianas e sem caráter. Revelando mais uma vez, o pensamento preconceituoso que a sociedade da época tinha sobre as mesmas.

Ainda segundo Xavier (2012), a respeito do caráter e do corpo físico da mulher negra, os literatos as consideravam como:

Metáfora da patologia, da corrupção e do primitivismo, configurando o corpo feminino negro como doente e, portanto, nocivo à saúde de uma nação em construção. Dezenas de narrativas ficcionais da época convergem para a mesma direção: o esforço em demonstrar a confluência entre traços físicos "anormais" e o caráter "duvidoso" como a principal marca da mulher "de cor" e do seu corpo. É dentro desse contexto que nasceram tipologias literárias como as da *bela mulata*, da *crioula feia*, da *escrava fiel*, da *preta resignada*, da *mucama sapeca* ou ainda da *mestiça virtuosa*. (XAVIER, 2012, p. 67)

Há vários exemplos dessas tipologias na literatura brasileira. No qual a mulher negra carrega consigo não só as marcas do preconceito pelo fato de sua cor, mas também por seu gênero, ou seja, se, para os negros de um modo geral, o racismo é latente, para a mulher, ele é ainda mais pesado, já que, além do racismo, ela é obrigada a enfrentar também o forte sexismo² presente em nossa sociedade, como destaca Silva (2008).

Lima Barreto cresceu em meio à essa sociedade, vivenciou na pele o racismo e presenciou de perto os preconceitos sofridos pelas mulheres negras, mulatas e mestiças, como menciona Gonzaga (2015), ele buscou desvincular-se da literatura tradicional de sua época e fez isso com maestria.

Ainda conforme Gonzaga (2015), muitos desprezaram seus escritos porque neles não havia uma idealização da vida, muito menos o sentimentalismo populista, pois fazia questão de trazer em suas obras a vida cotidiana tal como ela é, revelando seu chamego pelos personagens mais sofridos e pelas pessoas dos subúrbios.

Barreto deixou de lado, conscientemente, os delírios gregos e os deuses olímpicos dos literatos da época para escrever sobre sua gente humilde, como, por exemplo, funcionários públicos aposentados, jornalistas, tocadores de violão, moças sonhadoras, bem como os que sofrem as injustiças e os marcados pelo preconceito, como, no caso, a mulher negra.

É importante compreender que, no período em que Barreto escreve suas obras, a abolição da escravatura, em 1888, não deu muita margem para que a condição social ocupada pela mulher negra diante da sociedade desse um salto para melhor, uma vez que elas eram vítimas constantes não somente do preconceito racial, mas também de gênero. Assim, a julgar pela crescente ideologia da feminilidade do século XIX, que enfatizava o papel das mulheres como mães protetoras, parceiras e donas de casa amáveis para seus maridos, as mulheres negras eram praticamente anomalias, como menciona Davis (2016):

Neste sentido, a opressão das mulheres era idêntica à dos homens. Mas as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas

² Linguagem ou comportamento que denota discriminação sexual.

de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas. (DAVIS, 2016, p. 25)

Nesta concepção, percebe-se como a tríade da discriminação foi um elemento vivo e constante na vida das mulheres negras, uma vez que a imagem construída e associada a elas se volta para o papel de escrava, inferior ao homem negro e submissa ao senhor branco.

Lima Barreto, um grande defensor das causas sociais, percebia como questões de gênero e raça propiciavam, mesmo que de forma inconsciente, a criação de estigmas acerca das mulheres negras, posto que elas não tinham oportunidades de ascensão, seja no período abolicionista ou no pós-abolicionista.

Naquele contexto, a sociedade machista e patriarcal insistia em colocar homens em situação de poder superiores às mulheres, impedindo a liberdade e a organização social da figura negra feminina no corpo social. Desse modo, tudo o que se põe como questionável para a população negra atinge em especial as mulheres, já que, com o fim da escravidão, as lutas por elas assumidas são mais alguns exemplos de como equidade parecia não existir no dicionário da época; onde a violação contra direitos básicos, sociais e econômicos, são evidências gravíssimas de como a qualidade de vida da população negra feminina era negativa.

É entendível que a atenção de Lima Barreto tenha se voltado para os menos favorecidos, considerando que o próprio escritor também era vítima dessa mesma sociedade e compreendia o preconceito vigente no Brasil. Para ele, era indispensável escancarar a realidade dos subúrbios do Rio de Janeiro e o preconceito que sondava a população que ali vivia; e, assim, o fez ao dar vida a Clara, uma personagem mulher e negra que sentiu na pele o preconceito e a discriminação social.

Lima Barreto, em sua obra *Clara dos Anjos* (1948), evidencia não somente o preconceito vivenciado pela figura negra da época como também a condição da mulher, que, naquele período, era extremamente assujeitada em um sistema opressor, conforme destaca Silva (2015). Se, para a mulher branca, a vida em sociedade era dificultosa, imaginemos para a mulher negra.

Posto isso, surge uma categoria diferenciada do homem negro e da mulher branca: as mulheres negras; pois representam uma parcela exclusiva de nossa história e sociedade. A esse respeito, Almeida (2020) explica:

A história das mulheres negras no Brasil reflete um passado de opressões racistas e sexistas, que ao longo do tempo lhes violaram a dignidade e a cidadania. Apesar dessas violências e exclusões de direitos, trata-se de uma trajetória de resistência, constituída nas lutas abolicionistas, antirracistas e feministas, que culminaram com o surgimento de uma categoria específica de mulheres, a mulher negra. (ALMEIDA, 2020, p. 21)

Nota-se, portanto, que a consolidação de um movimento negro feminino propriamente dito não garantiu a promoção de um legado que considere a historicidade negra feminina, uma vez que a sociedade continuava a designar para elas um lugar de acordo com sua cor, gênero e classe social.

Grada Kilomba (2019, p. 96) já afirmava em seu livro *Memória da Plantação* que “a maior parte da literatura sobre racismo falhou em abordar a posição específica das mulheres negras e as formas

pelas quais questões de gênero e sexualidade se relacionam a questões de raça”. Isso porque a questão racial parece anular as questões de gênero e sexo, resumindo-as apenas em raça.

Diante dessa realidade, Evaristo (2005) destaca que a literatura brasileira, desde a sua formação até a contemporaneidade, apresenta um discurso que insiste em proclamar, em instituir uma diferença negativa para a mulher negra. Enfatiza, ainda, que essa representação literária da mulher negra surge ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor.

Por esse motivo, as histórias e as experiências vividas pelas mulheres, em especial as mulheres negras, também merecem ser representadas através de nossa Literatura, visto que elas, desde o período de escravidão, ajudaram a construir a identidade da população negra no Brasil, e lutam incansavelmente por seu protagonismo de ontem e hoje.

3. A Representação da Mulher Negra na Obra *Clara dos Anjos* do Autor Lima Barreto

Após apresentarmos um pouco sobre a trajetória de nosso autor, situarmos a mulher negra no contexto em que suas obras foram produzidas, bem como a visão atribuída a elas na literatura e sociedade carioca do século XIX e início do século XX, passaremos agora para o desenvolvimento da análise do livro *Clara dos Anjos*, publicado em 1948, com objetivo em analisar a representação da mulher negra na obra, com enfoque na protagonista, Clara.

Lima Barreto agarra abertamente a literatura negra, ao se debruçar sobre a produção da obra *Clara dos Anjos*, ainda por volta de 1904, “à mesma época em que o escritor se via às voltas com a redação de *Isaiás Caminha* (1909), e com o desejo de escrever um painel da sociedade escravagista do século XIX”, como destaca Lima (2017, p. 03).

Ainda, segundo o autor, a retomada ocorreu em 1920, quando o esboço de romance foi transformado em conto, publicado em *Histórias e Sonhos*, em 1920. A conclusão da obra, porém, só aconteceu entre dezembro de 1921 a janeiro de 1922, ano em que falece o autor, sendo a obra publicada postumamente pela *Revista Souza Cruz* em forma de folhetins, entre janeiro de 1923 e maio de 1924, só obtendo a impressão em livro em 1948, pela Editora Mérito.

Assim, nos debruçaremos em analisar a representação da mulher negra, sobe a ótica da protagonista Clara dos Anjos, considerando o texto integral da 1ª edição (Editora Mérito, Rio, 1948), publicado como 2ª reimpressão pela Editora Autêntica em 2020.

A obra, objeto de nossa análise, narra a história de Clara dos Anjos, que, antagonista ao seu nome, é uma jovem mulata de dezessete anos, segunda e única filha sobrevivente do casal Joaquim dos Anjos, carteiro que gostava de violão e de modinhas³, e Dona Engrácia, sedentária, caseira, mulher de muito fervor religioso e de um exemplar dedicação aos afazeres domésticos.

Ambientada no subúrbio do Rio de Janeiro, a obra é uma tentativa de desvelar o preconceito existente em torno não apenas de um sofrimento individual, mas do sofrimento coletivo vivido pelo negro sem acesso, que via de perto a tentativa de encobrimento do racismo presente no Brasil daquela época.

Lima Barreto enfrentou, por meio da literatura, os argumentos biológicos que inferiorizavam os negros e mulatos em sociedade, fruto da ignorância, a raiz do preconceito que

³Segundo o minidicionário de Língua Portuguesa Sérgio Ximenes, Modinha é uma Cantiga popular brasileira, sentimental, acompanhada por violão; moda. É um gênero musical de origem Portuguesa. Ver em: <https://musicabrasilis.org.br/temas/modinha-entre-o-erudito-e-o-popular>

impôs no país um longo caminho a ser percorrido pelos negros brasileiros, mesmo após a abolição.

A partir disso, a narrativa é mais uma denúncia que trata o desfecho da pobre e inocente moça que se apaixona cegamente pelo modista⁴, sedutor de moças e de mulheres casadas, Cassi Jones, “um rapaz de pouco menos de trinta anos, branco, sardento, insignificante, de rosto e corpo” (BARRETO, 2020, p. 27), o qual Clara conhece em sua festa de aniversário de dezoito anos, realizada em sua própria casa.

Cassi Jones de Azevedo, “Jones”, que na verdade era apenas um apelido Inglês que o jovem sedutor usava desde os vinte e um anos por achar bonito, e pelo fato de sua mãe contar várias vezes, em momentos de pura vaidade, sobre um suposto avô de Cassi que fora cônsul na Inglaterra, Lord Jones. Por esse motivo, Cassi achou “de bom gosto britanizar a firma com o nome de seu problemático e fidalgo avô” (BARRETO, 2020, p. 27).

Filho legítimo de Manuel Borges de Azevedo – homem sério, respeitado, estreito de ideias e de boa moral, tinha um emprego público onde trabalhava cerca de trinta anos – e de Salustiana Baeta de Azevedo – que, diferentemente de seu marido, não era muito querida, pois era vaidosa e se achava superior aos outros da vizinhança. Cassi Jones também possuía duas irmãs, Catarine e Irene, duas jovens que sonhavam em se casar com doutores, bem empregados ou ricos.

De origem humilde, a jovem é seduzida por Cassi Jones, que, a todo custo, busca aproximar-se dela e conquistá-la apenas para satisfazer seus desejos carnis. Avisada várias vezes da conduta duvidosa do rapaz, Clara, de tão apaixonada, insiste em acreditar num amor verdadeiro com o elegante e encantador “modinhoso”, como chama o narrador. A jovem, “com as pretensões que a sua falta de contacto com o mundo e capacidade mental de observar e comparar justificavam, e concluía que Cassi era um rapaz digno e podia bem amá-la sinceramente” (BARRETO, 2020, p.118).

Cassi Jones usa de todas as estratégias possíveis para conseguir o que deseja. Para ele, Clara era vista como um mero objeto de prazer tanto pelo moço quanto pelos seus amigos que a conheciam, pois o mesmo consentiu com os comentários de seus companheiros de vagabundagem, ao compará-la a um torrão de açúcar:

Conheço bem esse carteiro. Ele não trabalha aqui; mas na cidade, na zona dos bancos. Deve ter dinheiro. Tem um pancadão de filha, meu Deus! Que torrão de açúcar! [...] Cassi, que fingira aborrecer-se com a tendenciosa notícia de Timbó e o comentário de Zezé, ficou, ao contrário, muito contente com ela. Tinha resolvido não ir à tal festa; mas, pelo que informara Ataliba, talvez não tivesse nada a perder. Experimentaria.

Mordeu os lábios e seguiu para o clube, com a consciência leve e o coração alegre. (BARRETO, 2020, p. 53-54)

Chegado o tão esperado dia, Cassi foi ao aniversário de Clara, onde foi apresentado à família e à aniversariante, que ainda não conhecia. Nesse momento, o músico convidado sorrateiramente olha para a moça com segundas intenções, “apresentado por Lafões, aos donos da casa, e à filha, ninguém lhe notou o olhar guloso de grosseiro sibarita⁵ sexual que deitou para os seios empinados de Clara” (BARRETO, 2020, p. 58).

⁴Cantador de modinhas.

⁵Segundo o minidicionário da Língua Portuguesa Sérgio Ximenes. Que (m) é dado à vida de prazeres, à voluptuosidade e à indolência, a exemplo dos antigos habitantes de Síbaris que, muito ricos, tinham fama de cultivar esses hábitos; libertino.

Durante o desenrolar da festa, Cassi continua olhar para Clara com olhar malicioso, “até ali, não se falara nisso, e, repinicando as cordas do violão, não deixava o famoso mestre violeiro de devorar sorratamente com o olhar lascivo os bamboleios de quadris de Clara, quando dançava” (BARRETO, 2020, p. 59).

Cassi literalmente não tinha nada a perder, logo, Clara era um “alvo fácil”, não por ela estar a Deus dará no mundo – pois, naquela época, a mulher “fácil” era aquela encontrada nas ruas, as mulatas e mestiças –, mas era um alvo fácil pelo fato dela ser muito ingênua. Essa ingenuidade provinha de sua criação. Seu Joaquim dos Anjos e dona Engrácia criaram Clara isolada do mundo exterior.

Clara era mantida enclausurada dentro de casa. Essa forma de criação trouxera resultados negativos, ocasionando a confiabilidade total de Clara em relação ao Cassi. Essa era uma forma que seus pais tinham para preservar sua filha da desonra. Era um pensamento que, vindo de tempos anteriores, ainda fazia parte da criação de meninas. Eles acreditavam que, mantendo Clara em casa, esta estaria protegida dos males que a sociedade enfrentava, como menciona Mary Del Priore:

A dispersão dos núcleos de povoação reforçou as funções da família, no interior da qual a mulher era mantida enclausurada. Ela era herdeira das leis ibéricas que a tinham na conta de *imbecilitas sexus*: incapaz, como as crianças ou os doentes. Só podia sair de casa para ser batizada, enterrada ou se casar. Sua honra tinha de ser mantida a qualquer custo. (PRIORE, 2013, p.10)

Percebe-se, então, ao traçar o perfil de sua personagem, que o autor se atenta em abordar a proteção acentuada por parte de sua família e amigos próximos, considerando que, naquele período, o sistema patriarcal e conservador ainda era muito forte, o que impedia as mulheres de circularem livremente, sem ter ao lado alguém para acompanhá-las, já que essa ação poderia ser mal vista, pois:

Antigamente, no tempo das avós, era ainda mais complicado. Nem se escolhia o marido; a família decidia pela noiva. Tampouco as mulheres saíam de casa; o trabalho era doméstico. Ao passar de senhorita à senhora, a mulher se tornava uma matrona respeitosa. Tinha de se comportar como uma santa. Os constrangimentos para ganhar dinheiro – coisa de homem – eram enormes. A rua? Lugar de mulher “fácil”. (PRIORE, 2013, p. 05)

O contexto social em que dona Engrácia cresceu era este, onde os papéis impostos à mulher eram somente o trabalho doméstico, por esse motivo, ela era caseira. Não seria diferente com sua filha Clara.

É o que se observa no seguinte trecho da obra:

Clara deixava, às vezes, a casa paterna, para ir ao cinema do Méier ou Engenho de Dentro, quando a sua professora de costuras se prestava a acompanhá-la, porque Joaquim não se prestava, pois não gostava de sair aos domingos, dia escolhido a fim de se entregar ao seu prazer predileto de jogar o solo com os companheiros habituais; e sua mulher não só não gostava de sair aos domingos, como em outro dia da semana qualquer. Era sedentária e caseira. (BARRETO, 2020, p. 22)

A mãe de Clara não saía, vivia ocupada nos afazeres domésticos; por consequência, educava sua filha Clara da mesma maneira. Clara pouco podia sair, se assim fosse, deveria ser acompanhada. Nota-se, então, que Barreto já apontava, ao escrever sobre Clara, as marcas do conservadorismo permanente que sondava as moças naquele período. A jovem era tratada pelos pais “com muito desvelo, recato e carinho, e a não ser com a mãe ou pai, só saía com Dona Margarida, uma viúva muito séria, que morava nas vizinhanças e ensinava a Clara bordados e costuras”, como revela Barreto (2020, p.22).

Em Clara, observa-se o cuidado que o autor tem ao encaminhar a personagem a seguir padrões tipicamente da sociedade burguesa, voltados para a mulher branca. A imagem de uma menina doce e angelical destoava da má reputação que era atribuída às mulheres negras e mestiças na época, fruto da escravização.

A figura de Clara dos Anjos se desenvolve no decorrer da obra validando todos os caprichos com a qual fora criada por seus pais, sempre muito amável e prestativa, a jovem menina estava sempre em casa preparando o jantar e não deixando atrasar o café do pai na tarde de lazer com os amigos, como demonstra Barreto:

De quando em quando, mas sem grandes espaços, Joaquim gritava para a cozinha:

- Clara! Engrácia! Café!

De lá, respondiam, com algum amuo na voz:

- Já vai!

É que as duas mulheres, para preparar o café, tinham que retirar, de um dos dois fogareiros de carvão vegetal, uma panela do “ajantarado” que aprontavam, a fim de aquecer o café reclamado; e isto lhes atrasava o jantar. (BARRETO, 2020, p. 22 - 23)

Lima Barreto diverge do que era descrito na literatura até então ao não descrever Clara de uma maneira sexualizada, com um corpo sedutor como era de praxe, associado às mulheres negras e mestiças. Pelo contrário, a jovem deslumbrava o conceito de inocência e pureza carregados consigo em seu próprio sobrenome, “Dos Anjos”. Assim, a imagem de inocência associada à Clara aos poucos se desfaz quando a jovem se deixa seduzir por Cassi.

Cassi Jones, nome que viera ali na conversa entre Joaquim e seus amigos, mudaria do avesso a vida da jovem menina. Conhecido por seu caráter duvidoso, a presença de Cassi chegou a ser questionada por Marramaque, padrinho de Clara, que achava um desfeito a presença do músico no aniversário da afilhada.

O autor se aproveita bem de seus personagens para transmitir o seu próprio posicionamento. Para ele, o preconceito e a estigmatização impostos sobre às mulheres de cor era mais um fragmento da sociedade preconceituosa figurante naquele período.

Diante dessa realidade, a filha do carteiro recebeu uma criação um tanto quanto exagerada por parte de seus pais, já que raramente ia aos lugares sozinha, e, quando saía, era sempre a contra gosto da mãe.

Essa proteção exacerbada pode ser observada no seguinte trecho:

Habituada às musicatas do pai e dos amigos, crescera cheia de vapores de modinhas e enfumagara a sua pequena alma de rapariga pobre e de cor com os dengues e o simplório sentimentalismo amoroso dos descantes e cantarolas populares.

Raramente saía, a não ser para ir bem perto, à casa de Dona Margarida, aprender a bordar e a costurar, ou com esta ir ao cinema e a compras de fazendas e calçado. A casa dessa senhora ficava a quatro passos de distância da do carteiro. Apesar de ser uso, nos subúrbios, irem as senhoras e moças às vendas fazer compras, Dona Engrácia, sua mãe, nunca consentiu que ela o fizesse, embora de sua casa se avistasse tudo o que se passava, no armazém do "Seu" Nascimento, fornecedor da família.

Essa clausura mais alanceava sua alma para sonhos vagos, cuja expansão ela encontrava nas modinhas e em certas poesias populares. (BARRETO, 2020, p. 52- 53)

Lima Barreto nos leva a refletir que a grande reclusão da personagem Clara fora, em parte, criada por sua mãe, dona Engrácia, já que é ela quem desperta na jovem o sentimento de indignação. Uma vez que Clara via todas as moças saírem com seus pais, com suas mães, com suas amigas para se divertirem, mas com ela era tão diferente, como destaca Barreto (2020).

A reclusão e a vigilância constatem por parte do pai e da mãe fizeram Clara se questionar o porquê de tanta proteção, já que ela não entendia quais perigos podia correr uma jovem como outra qualquer. Para ela, era injustificável a forma grosseira e ignorante com o qual os pais tratavam Cassi, pois os mesmos não aceitaram o relacionamento dos dois, e chegou a considerar que tudo o que lhe faziam era para o seu sofrimento, como pode se observar na seguinte passagem do texto:

Avaliou em algum ressaibo de revolta o procedimento dos pais. O que queriam fazer dela?

Deixá-la ficar para "tia" ou fazê-la freira? E ela precisava casar-se? Era evidente; sua mãe e seu pai tinham, pela força das coisas, que morrer antes dela; e, então, ela ficaria pelo mundo desamparada?

Cochichavam que Cassi era isto e era aquilo. Dona Margarida e o padrinho eram os que mais mal falavam dele: que era um devasso, um malvado, um desencaminhador de donzelas e senhoras casadas. Como ele poderia ser tanta coisa ruim, se freqüentava casas de doutores, de coronéis, de políticos? Naturalmente havia nisso muita inveja dos méritos do rapaz, em que ela não via senão delicadeza e modéstia e, também, os suspiros e os dengues de violeiro consumado. Uma dúvida lhe veio; ele era branco; e ela, mulata. Mas que tinha isso? Havia tantos casos... Lembra-se de alguns... E ela estava tão convencida de haver uma paixão sincera no valdevinos, que, ao fazer esse inquérito, já recolhida, ofegava, suspirava, chorava; e os seus seios duros quase estouravam de virgindade e ansiedade de amar. (BARRETO, 2020, p. 70 -71)

É notório nas falas da personagem Clara, que ela pouco conhecia sobre sua real situação dentro da sociedade, em parte pela educação que recebera de seus pais. A ingenuidade com a qual fora criada a impediram de reconhecer de antemão que, naquele período, as mulheres negras não eram bem vista para o casamento, ainda mais em se tratando de um homem branco. Isso é o que destaca Priore (2013), no trecho abaixo:

Estudos comprovam que os gestos mais diretos e a linguagem mais chula eram reservados a negras escravas e forras ou mulatas; às brancas se direcionavam galanteios e palavras amorosas. Os convites diretos para fornicção eram feitos predominantemente às negras e pardas, fossem escravas ou forras. [...] Afinal, a misoginia – ódio das mulheres – racista da sociedade colonial as classificava como fáceis, alvos naturais de investidas sexuais, com quem se podia ir direto ao assunto sem causar melindres. (PRIORE, 2013, p. 34)

Cassi usou de atitudes opostas ao que Priore menciona. Como as famílias de negros livres buscavam adequar-se aos moldes europeus, Clara era tratada como uma moça branca. Não foi à toa que se chamava “Clara” e “dos Anjos”. Nome que traz um certo teor de pureza. Mas essa criação, ou melhor, essa busca pelo “embranquecimento” não vinha exclusivamente de seus pais, mas da própria sociedade da época, como destaca Priore:

A partir da segunda metade do século XIX, em nome da “civilização e da modernidade”, “pobres e desfavorecidos” passaram a ser alvo do Estado imperial. Queria-se adaptá-los aos padrões culturais europeus. Enquanto as cidades eram reurbanizadas, a população passou a ser disciplinada, reeducada. Daí a preocupação com a conduta moral, a saúde, a vida sexual dos casais e, como veremos mais à frente, dos solteiros. (PRIORE, 2013, p. 18)

Cassi a tratou, inicialmente, como um verdadeiro príncipe encantado, trocavam cartas apaixonadas, convencia de que com ela casaria. Mas a verdade era que ele não a via para casamento amoroso, pois era apenas uma mulatinha qualquer, um mero objeto a ser usado e descartado após o uso. Assim, “Clara dos Anjos reúne em sua estrutura o arquétipo da mulher, sob o ângulo de uma sociedade machista, agravado, de maneira rotunda, por ser mulata e pobre, desprovida de grande inteligência”, como destaca Gileno (2001, p.135).

Essa descrição crítica quanto à formação da personagem é feita pelo próprio autor em diversas passagens do texto, chegando a descrevê-la como amorfa e pastosa e que precisava de mãos fortes para ser modelada, culpando, mais uma vez, a idade, o sexo e a falsa educação que tinha recebido.

4. Metodologia

Esta pesquisa foi realizada com base em 31 trabalhos divididos entre livros, artigos científicos, revistas, sites e dissertações de mestrados retirados do Google Acadêmico. Assim, adotou-se, como estratégia metodológica, a pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo que, segundo Marconi e Lakatos (2006), preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece ainda uma análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento e etc.

Assim, Minayo (2001, p. 14) destaca que a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, centrando-se na compreensão e na explicação da dinâmica das relações sociais.

Para Gil (2002, p. 44), a pesquisa bibliográfica “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Já Macedo (1994, p. 13) des-

taca que a pesquisa bibliográfica “Trata-se do primeiro passo em qualquer tipo de pesquisa científica, com o fim de revisar a literatura existente e não redundar o tema de estudo ou experimentação”.

Desta forma, segundo os autores acima, juntamente com os autores que contribuíram para a fundamentação teórica como Assis (2021), Barreto (2020), Bosi (2015), Candido (1989), Holanda (1978), Schwarcz (2017) entre outros, este trabalho teve como objeto de pesquisa analisar a representação da mulher negra na obra *Clara dos Anjos* do autor Lima Barreto, sob o ponto de vista masculino, e chegou a conclusões inovadoras sobre o assunto, não apenas repetindo o que já foi dito, mas abordando um novo olhar sobre a temática, que teve como enfoque a personagem principal Clara dos Anjos.

Foi possível compreender que a estigmatização que recai sobre as mulheres negras em nosso país é, em parte, fruto do que se idealizou com a literatura, no qual as histórias repassadas de geração em geração ainda insistem em colocar sobre às mulheres negras uma imagem inferior e sexualizada.

A partir disso, a pesquisa bibliográfica orientou todas as etapas seguidas na realização deste trabalho, em especial na escolha da temática, o que possibilitou o acesso ao contato direto com tudo o que já foi pesquisado sobre o assunto, engrandecendo o levantamento de livros, artigos, dissertações e revistas científicas.

5. Análise e Discussão dos Resultados

Este trabalho foi produzido seguindo os dados de diversos trabalhos de grande relevância para a área estudada. Durante o processo de análise, foram retirados alguns trechos da obra *Clara dos Anjos* (1948), do autor Lima Barreto, que serviram de base para compreender como o autor abordava a representação da mulher negra em sua obra.

Nesta etapa da pesquisa, utilizou-se como estratégia metodológica a pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, que nos permitiu contato com materiais já elaborados acerca do assunto pesquisado.

Assim, é importante destacar que *Clara dos Anjos* (1948) é uma obra de cunho social que expõe o papel feminino e os preconceitos que a mulher sofria naquela época, como a submissão, o abandono, a violência e o constrangimento público. É uma narrativa que denuncia os problemas cotidianos do início do século XX, na cidade do Rio de Janeiro, que sofria com graves problemas sociais e de saúde pública. Além de ser uma sociedade carregada de conceitos sexistas e racistas sobre a população negra, principalmente sobre as mulheres negras, representada na obra através da personagem central Clara do Anjos.

Diante disso, após uma leitura minuciosa da obra, considerando todo seu contexto social, foi possível perceber que Lima Barreto a todo momento quis ressaltar a fragilidade na criação da jovem Clara. Ao utilizar-se do adjetivo “amorfa”, Barreto infere que os pais da menina já não seriam capazes de trazê-la para o mundo real, uma que vez não fizeram isso no decorrer da criação de sua filha.

Como destaca o autor:

A mãe não tinha caráter, no bom sentido, para o fazer; limitava-se a vigiá-la caninamente; e o pai, devido aos seus afazeres, passava a maioria do tempo longe dela. E ela vivia toda entregue a um sonho lânguido de modinhas e descan-

tes, entoadas por sestrosos cantores, como o tal Cassi e outros exploradores da morbidez do violão. (BARRETO, 2020, p. 117)

Clara não levava a vida muito a sério e não fazia questão de mudá-la; toda entregue a um sonho lânguido de modinhas e descantes, como descreve o próprio autor, a jovem vivia a vida na espera de um grande amor, sem saber que, naquele período, a condição machista, racista e opressora limitava a ascensão das mulheres negras em nossa sociedade.

Por viver em meio a uma vulnerabilidade, a jovem foi presa fácil para Cassi Jones, o vilão mais perverso existente até então nesta obra barretiana. Ele, apesar de viver no subúrbio, carrega consigo um ar de superioridade, muitas vezes, alimentado pela mãe, dona Salustiana de Azevedo.

Lima Barreto apresenta a mãe do rapaz com um profundo preconceito em relação às moças pobres e negras, transmitindo isso a seu filho, sempre o protegendo quando desonrava alguma moça, fazendo-o escapar do compromisso de casar-se com a jovem desonrada. Naquela época, como destaca Priore (2013, p. 23), “havia punições rigorosas para os homens que engravidassem as moças à força. Eles eram obrigados a se casar ou a indenizar a “virgindade perdida?”. No entanto, Cassi Jones sempre escapava das duas opções por ser homem e branco e por ser protegido por sua mãe.

Infere-se, portanto, que Barreto expõe um assunto pouco abordado no Brasil República, que, em grande parte, era empurrado para debaixo do tapete: o racismo estrutural, considerado de pouca importância para a elite da época. O autor, ao traçar o destino da personagem principal, nos revela como o descrédito acometido às mulheres negras e mestiças poderia ser cruel, e isso pode ser observado nas passagens abaixo, quando Clara descobre que seu amado havia partido e a deixado:

Estava irremediavelmente perdida; ele a abandonava de vez. [...] Agora, é que percebia bem quem era o tal Cassi [...] A inocência dela, a sua simplicidade de vida, a sua boa-fé, e o seu ardor juvenil tinham-na completamente cegado. Era mesmo o que diziam... Por que a escolhera? Porque era pobre e, além de pobre, mulata. (BARRETO, 2020, p. 164 - 165)

Lima Barreto, ao consagrar o destino previsível da filha de Joaquim dos Anjos, nos revela também como a estigmatização devido a cor e a falta de suporte econômico influenciavam na escolha das vítimas de Cassi Jones. Uma vez que o jovem galanteador é o retrato mais vivo de como a classe dominante exercia seu poder sobre quem tinha pouco, ou quase nada, para se defender.

Em um dos momentos mais impactantes da obra, Dona Margarida, amiga da família, ao descobrir a gravidez da filha do carteiro, resolve levá-la à casa da família de Cassi, a fim de encontrar uma solução ou, quem sabe, uma prestação de contas. Porém, se deparam com um grande gesto de preconceito vindo de Dona Salustiana, que as trata com toda forma de desprezo existente:

[...] - Que é que a senhora quer que eu faça? (Salustiana)
- Que se case comigo. (Clara)
Dona Salustiana ficou lívida; a intervenção da mulatinha a exasperou. Olhou-a cheia de malvez e indignação, demorando o olhar [...]
Por fim, expectorou:
- Que é que você diz, sua negra? (BARRETO, 2020, 171)

Clara dos Anjos é mais uma vítima não só da situação mas também da sociedade, a partir daquele momento, a jovem cai em si e passa a compreender a verdadeira situação vivida pelas mulheres pobres e negras, concluindo e declarando à sua mãe “nós não somos nada nesta vida” (BARRETO, 2020, p. 174).

O caráter social da obra literária de Lima Barreto foge do padrão de comportamento da época ao não encarregar a desgraça de Clara apenas para ela mesma, mas também para Cassi Jones, uma vez que fora ele quem a enganou e se aproveitou de toda sua ingenuidade. É nítido, portanto, que Barreto arremessava severas críticas diante da sociedade ao não considerar a filha do carteiro culpada, uma vez que a jovem sequer deveria sofrer com tanta repressão apenas por ser mulher, pobre e mulata e por não receber a educação que merecia.

É possível perceber que, para o autor, questões de gênero, classe, e raça não deveriam influenciar na forma como a sociedade julgava as pessoas, considerando que Clara já crescera vítimas dos estigmas impostos à ela, e estaria sempre marcada, por outro lado, Cassi, por ser homem, branco e viver em uma boa família, estaria sempre protegido por não precisar provar seu caráter e sua conduta apenas por ser quem era.

É por meio de seus escritos que Lima Barreto inseriu de forma brilhante esta importante obra em pleno século XX, tornando-a uma das mais importantes da literatura brasileira. Como destaca Holanda (1978, p. 132), “a obra de Lima é, em grande parte, uma confissão mal escondida, confissão de amarguras íntimas, de ressentimentos, de malogros pessoais, que nos seus melhores momentos ele soube transfigurar em arte”.

Essa confissão, vista em grande parte da obra de Lima Barreto, se apoia muito nas circunstâncias com a qual o autor de *Clara dos Anjos* (1948) precisou lidar. Para ele, a literatura constitui quase uma forma de denúncia e manifestação contra todos que insistiam em invalidar as experiências íntimas que serviam de base para a sua criação literária.


O então escritor e jornalista e, acima de tudo, militante, escreveu diversas obras, entre elas, contos, romances, sátiras, textos jornalísticos e críticas que serviram para apresentar o ponto de vista do oprimido, se transformando no precursor da literatura de temática negra no Brasil.

Inflado de críticas e atualidade, é em *Clara dos Anjos* (1948) “que Lima Barreto deixa melhor entrever os caminhos de seu espírito e de sua arte” (HOLANDA, 1978, p. 141). Onde a arte anda enlaçada à vida e a ficção povoa a vaidade humana.

Desse modo, os aspectos particulares que contornam a trajetória do autor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915) e tantos outros, nos permite compreender, em *Clara dos Anjos* (1948), a essência histórica que o percurso traçado pela personagem Clara apresenta: a exclusão, a luta, o preconceito e a crítica. Um romance honrado pelo caráter de sua protagonista e, acima de tudo, pela excelência de seu autor.

Lima Barreto é, sem dúvidas, a voz que ecoou no passado e que faz barulho até hoje. Um escritor atormentado pela pobreza, o preconceito, o alcoolismo e a depressão, mas que explorou de forma majestosa todo talento que o acompanhou durante a vida. Tornando-o único e incomparável. Para sempre na história da literatura brasileira.

Diante disso, a presente pesquisa se faz intimamente necessária ao meio científico, pois proporciona um conhecimento profundo acerca de uma das obras pouco conhecidas pela população brasileira. Traz um reconhecimento a mais de uma obra tão importante para a comunidade negra,



especialmente para as mulheres negras. Revelando que, no período em que Lima Barreto viveu, houve, por parte dele próprio, o desejo de representar a sua raça por intermédio da literatura, fazendo dela o palco perfeito para mostrar as qualidades, a força, a beleza e, sobretudo, as lutas e resistências das mulheres negras, que por muito tempo lutaram contra o preconceito e a injustiça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões sociais, raciais e de gênero que envolvem a trama que constituiu os pontos os quais o presente trabalho tentou focar, revelam que Lima Barreto foi o escritor dos oprimidos, que deu voz ao subúrbio e aos excluídos ao insistir na temática da denúncia social.

Em *Clara dos Anjos*, Barreto nos revela toda sua inconformidade com a sociedade brasileira, e especialmente carioca, que viviam carregadas de preconceito e dominação. Nos fortaleceu o entendimento de que, para o autor, a Literatura era o caminho para lidar com a sua condição enquanto mulato pouco ou quase nada inserido em sociedade.


Este trabalho nos possibilitou compreender sob quais circunstâncias as mulheres negras eram apresentadas na Literatura. Algumas, sendo moradoras dos subúrbios, viviam em meio a uma sociedade rodeada de machismo, preconceito e discriminação, evidenciando, na figura de Clara dos Anjos, o desejo de Barreto de trazer à tona também a forte mágoa e rancor que ele tinha em grande parte pela sociedade, especialmente pelo homem branco.

A sua denúncia literária fez de *Clara dos Anjos* um grande palco para demonstrar de forma artística as angústias sofridas pelos desfavorecidos no Brasil no final do século XIX e início do século XX. Revelando que a sua manifestação a favor de homens e mulheres negras é uma maneira de apresentar suas convicções e sua própria visão de mundo.

Concluimos que esta pesquisa traz o reconhecimento para um escritor negro que, durante sua existência, lutou para representar em suas obras a realidade de um Brasil diversificado em cultura e raça, que desnudam as injustiças e coloca nos holofotes aqueles que eram desprezados na arte, na música e na Literatura e que foram, de forma brilhante, introduzidos por Lima Barreto.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ceila Sales de. *Feminismo: a luta por reconhecimento da mulher negra no Brasil*. Belo Horizonte: Dialética, 2020.
- ASSIS, Lúcia Maria. Literatura e militância na belle époque: o caso de Lima Barreto. *Revista Anthesis*. Disponível em: <<https://periodicos.ufac.br/index.php/anthesis/article/view/1934/1145>>. Acesso em: 01 de julho de 2021.
- BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos: revisão e atualização ortográfica Cristina Antunes*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 50ª ed. São Paulo: Cultrix, 2015.
- CANDIDO, Antonio. *A Educação Pela Noite & Outros Ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- DAVIS, Ângela. *Mulheres, raça e classe*. [recurso eletrônico]. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016, 244p.
- EVARISTO, Conceição. Da representação a auto apresentação da mulher negra na literatura brasileira. *Revista Palmares*, 2005. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>>. Acesso em: 06 de abril de 2021.
- FRAZÃO, Dilva. *Lima Barreto: escritor e jornalista*. E-Biografia. 2019.
- FREIRE, Manoel. A motivação autobiográfica em Lima Barreto. In: *Manuscrita* (São Paulo), v. 26, p. 90, 2014.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo, SP: Atlas, 2002.
- GILENO, Carlos Henrique. Clara dos Anjos: Uma Reflexão sobre o status da mulata no Brasil do início do século XX In: *Ciência & Trópico*, Recife, n.º. 01, v. 29, jan. – jul. 2001, p. 124-146. Disponível em: <<http://periodicos.fundaj.gov.br>>. Acesso em: 12 de julho de 2021, p. 135.
- GONZAGA, Sergius. *Curso de literatura brasileira*. 6ªEd. Porto Alegre: Leitura XXI, 2015.
- GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político- econômica. In. RODRIGUES, Carla Et al. *Ensaios brasileiros contemporâneos*. Rio de Janeiro: Funarte, 2016.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. Em torno de Lima Barreto. In *Cobra de vidro*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.
- IANNI, Octavio. Octavio Ianni: o preconceito racial no Brasil. [Entrevista]. *Estudos Avançados* [S.l: s.n.], 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/3MbV9sNNtfNchV7F7JdVkBH/?lang=pt>>. Acesso em: 12 de julho de 2021.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 244p.
- LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia científica*. 4ªed. Revista ampliada. São Paulo. Atlas, 2006.



LIMA, Marcos Hidemi de. *Pobre, mulata e mulher: a estigmatização de Clara dos Anjos*. Literafro - O portal da literatura Afro-Brasileira. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br>>. Acesso em 05 de julho de 2021.

MACEDO, Neusa Dias. *Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa*. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1994.

MARCILIO, Fernando. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Educação Globo. Disponível em: <<http://educacao.globo.com/literatura/assunto/resumos-de-livros/recordacoes-do-escrivao-isaias-caminha.html>>. Acesso em: 30 de junho de 2021.

MARIA, Laura. *Lugar merecido, mas negado*. O Tempo. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/diversao/magazine/lugar-merecido-mas-negado-1.1494948>>. Acesso em: 02 de julho de 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MONTEIRO, José Fernando Saroba. *Modinha: entre o erudito e o popular*. Musicabrazilis. Disponível em: <<https://musicabrazilis.org.br/temas/modinha-entre-o-erudito-e-o-popular>>. Acesso em: 21 de julho de 2021.

PRIORE, Mary del. *Histórias e Conversas de Mulher*. São Paulo: Planeta, 2013.

SCHWARCZ, Lilia. *Lima Barreto - Triste Visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. Lima Barreto e a escrita de si. *Estudos Avançados*. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2019.3396.0009>>. Acesso em: 30 de junho de 2021.

SILVA, Ana Gabriella Ferreira da. *Representações do negro em Clara dos Anjos de Lima Barreto*. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Pau dos Ferros, 2015. Disponível em: <http://www.uern.br/controledepaginas/defesas-2015ppgl/arquivos/3856dissertacao_de_ana_gabriella_ferreira_da_silva.pdf>. Acesso em: 06 de julho de 2021.

SILVA, Silvane Aparecida da. *Racismo e Sexualidade nas Representações de Negras e Mestiças no final do século XIX e início do XX*. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Puc-Sp, São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://sapiencia.pucsp.br/handle/handle/13054>>. Acesso em: 08 de abril de 2021.

TRÍPOLI, Mailde Jerônimo. *Imagens, Máscaras e Mitos: o negro na Literatura brasileira no tempo de Machado de Assis*. 1997. Dissertação (Mestrado em Letras) Instituto de Estudos da Linguagem-UNICAMP, São Paulo, 1997.

XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flavio (orgs). *Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação*. São Paulo: Selo Negro, 2012.

